

Introdução

Nos anos 2006 e 2007 tive como aluno numa turma de Matemática Aplicada às Ciências Sociais o Simão de Almeida Garrett Lucas Pires.

Um aluno excepcional, tanto pela inteligência como pelo carácter, formou-se, entretanto, em Filosofia.

Foi por estes dois factos que resolvi pedir-lhe esta pequena entrevista que penso que se integra perfeitamente no espírito desta rubrica. O leitor/a vai ter oportunidade de ver abordados, com grande lucidez, temas existenciais com que se debatem as nossas sociedades.

Estou muito grato ao Simão por ter aceite.



- Simão, como foi a sua infância? Sei que é filho de pais de exceção. Nomeadamente o seu pai, Francisco Lucas Pires, foi um dos grandes dirigentes políticos deste país e faleceu quando o Simão ainda era muito novo. Quer-nos referir, sucintamente, que influência tiveram sobre si?

A memória que tenho do meu Pai é a memória de episódios de uma grande alegria: o meu Pai a tocar à porta, vindo de Estrasburgo ou Bruxelas, e eu a descer as escadas a correr para o receber; o meu Pai a gritar lá de baixo, nas manhãs de fim-de-semana, "pão molinho, pão molinho!", convocando-nos alegremente para o pequeno-almoço; o meu Pai a jogar futebol connosco na cozinha, dizendo que era o Borussia Dortmund. Lembro-me de escrever, naqueles textos que se faz na primária a propósito do dia do

Pai, que "O meu Pai é muito brincalhão." São sobretudo memórias cheias de alegria, de uma alegria familiar, simples e maravilhosa.

Penso que também o seu interesse pela cultura, o gosto do saber, o hábito de pensar, o escritório cheio de livros, acabaram por me influenciar de alguma maneira.

A minha Mãe é uma mulher com muita garra, cheia de uma força discreta, firme, que me ensinou várias coisas, entre as quais destacaria uma que ainda não aprendi muito bem: fazer bem aquilo que se faz.

- Numa sociedade que prepara cada vez melhor as pessoas para o exercício de uma profissão, mas talvez pouco para refletir sobre a vida, que papel pensa que a Filosofia devia ter no sistema educativo e como devia ser estudada?

É uma pergunta complicada. A disciplina de filosofia, como todas as outras, mas talvez mais do que algumas, depende muito do professor; e a filosofia mal ensinada arrisca-se a ser contraproducente. Acho que a disciplina de filosofia devia incidir menos sobre decorar vários 'ismos', e focar-se mais em pôr os alunos em contacto com alguns problemas filosóficos. E por problemas filosóficos não entendo curiosidades da história da filosofia, mas problemas de sentido que dizem respeito à nossa existência e cuja relevância para a nossa existência deve ser explicada. Há, de facto, uma maneira de dar filosofia que a reduz à insignificância absoluta, na medida em que deixa os alunos sem qualquer pista sobre a relação que aquilo possa ter com a vida deles. A filosofia não é um ramo da cultura geral, e aprender filosofia não pode ser equivalente a tornar-se num melhor jogador de Trivial Pursuit. Para que o estudo da filosofia funcione, é preciso sublinhar que o projecto original da filosofia grega corresponde, não a uma série de brincadeiras intelectuais, mas a um modo de relação com a vida — uma relação marcada pelo interesse no esclarecimento da própria situação em que me encontro. Para isso, é preciso mostrar que o nosso ponto de vista tende a estar dominado por teses inconsistentes, é preciso mostrar que a nossa habitual pretensão de saber é muito frágil...

Posso também dizer que há um problema grave no ensino da filosofia em Portugal, e na educação portuguesa em geral, que se prende com o excesso de regras e legislação e centralização. Para ser professor de filosofia no secundário, é preciso ter o mestrado pedagógico, o mestrado em filosofia pura e dura não vale de nada; ora, acontece que o mestrado pedagógico, pelo menos nas Universidades que conheço, é muito mais fraco, do ponto de vista filosófico, do que os outros e, por isso, algumas das pessoas

mais interessadas em filosofia escolhem outros mestrados que lhes permitem aprender mais e acabam por ficar de fora do sistema de ensino. Além disso, penso que a existência de um programa nacional de filosofia muito detalhado, a ser aplicado por todas as escolas de maneira igual, está condenada a funcionar mal, até porque a pretensão de neutralidade filosófica de qualquer programa que seja tem o seu quê de ridículo. Estou convencido de que se ganharia muito, tanto no caso da filosofia como no âmbito mais amplo da educação, com a existência de escolas com um projecto educativo próprio, com maior autonomia na contratação de professores, com maior poder sobre o currículo, e com a possibilidade de os pais escolherem a escola dos filhos.

- Quais pensa que são os maiores problemas e desafios dos jovens de hoje?

Não sei dizer se são os “maiores”, mas há dois problemas em que tenho reparado especialmente: o primeiro é a disseminação de uma mentalidade ultra-pragmática e o segundo é a imensidão de estímulos por que somos bombardeados hoje em dia.

Sou professor de alunos do 12º e do 9º ano, e vejo — ao lado de exemplos que, graças a Deus, contrariam o que vou dizer — que muitos adultos inculcam nos jovens uma preocupação excessiva com as questões pragmáticas, uma preocupação que acaba por abafar o resto, reduzindo o horizonte da vida de uma maneira triste. Tudo o que importa são as saídas profissionais, o dinheiro na conta, a experiência chapada no currículo, o que quer que seja que contribua para aquilo a que muito irritantemente se chama "vida real". Isto vê-se também na nossa política. É como se a vida tivesse sido forçada a caber em contornos estreitos, estreitíssimos, até que nos convencemos de que a vida é mesmo só isto — e de que os únicos problemas a enfrentar são estes problemas imediatos, materiais e pragmáticos. Isto corresponde a um empobrecimento atroz. Penso que os jovens têm o desafio de querer mais do que os seus pais lhes ensinaram a querer.

Outro problema tem a ver com a quantidade de estímulos a que estamos sujeitos, com as mensagens no telemóvel, os e-mails constantes, a publicidade por todo o lado, a quantidade imensa de pessoas que conhecemos, e a aceleração do ritmo da existência que todas estas coisas produziram. Não estou de nenhum modo a dizer que estas coisas são más; o que quero dizer é que há um grande desafio no nosso tempo, que é o de aproveitar todos estes novos recursos e meios que existem, de modo a que promovam o que é bom e não apenas um entretenimento ou bem-estar que rapidamente se transforma em alienação. Fabrice Hadjadj, um filósofo francês

contemporâneo, refere-se ao nosso tempo como um tempo de "meios sem fim" — meios de comunicação, por exemplo, que utilizamos sem ter nada de relevante para comunicar. Se os homens sempre se prestaram a fugir ao confronto consigo próprios, a um exame autêntico da própria existência, os jovens de hoje em dia têm essa tarefa facilitada. E eu acho preocupante que uma pessoa não tenha a experiência de estar consigo própria, de ter tempo e espaço para que as coisas ecoem dentro de si. Acho preocupante que uma pessoa possa nunca experimentar o sobressalto de estar diante de outras pessoas sem fuga possível ou o tédio de esperar o autocarro sem ter nada com que se distrair. Acho preocupante que não haja tempo, ou paciência, para ler um poema. Resumindo: vivemos num mundo tão acelerado e carregado de estímulos que é fácil não dar espaço àquela 'boa solidão' de que Rilke fala nas "Cartas a um Jovem Poeta", aquela maneira de estar no mundo da qual, como diz, "todos os caminhos partem".

Vendo bem, talvez o ponto decisivo é que há um problema mais geral, mais de fundo, que tem a ver com uma desvalorização social da questão da verdade. Recomendo a leitura da introdução de Chesterton ao seu livro "Heretics", onde identifica muito bem alguns destes aspectos.

- E, como não podia deixar de ser, que importância teve para si a preparação matemática?

Hoje em dia tenho alguma pena de, ao ter seguido a área de Humanidades, não ter tido a disciplina de matemática no secundário — tive apenas matemática aplicada às ciências sociais, disciplina de que gostei bastante. Noutra dia, vigiei um exame de matemática do 12º ano, e aquilo que percebi melhor foram os nomes dos filósofos que lá apareciam: Bolzano, Descartes, Pascal...

Mas acredito que a preparação matemática que tive tenha contribuído para uma maior disciplina de trabalho e alguma precisão intelectual.

- Em duas palavras o que pensa do Clube de Matemática da SPM?

Conheço mal, mas, pelo que conheci a partir desta iniciativa do Professor Veiga de Faria e pela visita que fiz ao site da SPM, parece-me muito vivo e muito dinâmico. E, nesse sentido, enquanto pessoa ligada à filosofia, e por isso ligado como os matemáticos ao conhecimento, parece-me um belo exemplo de intervenção social.